



INDEPENDENTE

I: Comentário sobre exclusão da lista pela Comissão Política

MLP: Preocupa-me o significado político dessa decisão. Trata-se da derrota no interior do próprio PS de uma certa política de esquerda, de uma certa visão da esquerda hoje na Europa.

I:.....

MLP: Terminou o dogma implícito nos grandes aparelhos políticos: "fora do partido não há salvação."

Hoje na Europa a esquerda é inseparável da ideia de abertura, da máxima utilização de todas as forças que nela convergem.

É o que se passa com o SPD na RFA, com o PSF em França, com o PCI na Itália...

A forma como estão a ser formadas, nesses países, as listas para as europeias é um sinal de uma nova atitude que não pode senão enriquecer a democracia.

I:.....

MLP: Claro que não foi uma total surpresa: ao longo destes 2 anos vários factos tornaram clara a dificuldade de alguns quadros intermédios do PS em aceitarem fazer caminho e em aproveitarem o capital representado pelas pessoas fora do partido. Mas a decisão da Comissão Política do PS não deixa de surpreender. Pode dar a impressão de que a Comissão Política contraria o desejo do seu Secretariado de tornar o PS o polo aglutinador da esquerda independente. Se assim fosse seria grave para toda a esquerda.

I: LFM dentro do PS pode utilizar o partido enquanto MLP não o pode fazer...

MLP: Reduzir esta decisão do PS a um problema de influências de pessoas é a meu ver uma solução de facilidade. A Comissão Política não se deixaria certamente manobrar por um mero jogo de influências pessoais internas. A decisão de uma Comissão Política é sempre política - passe a tautologia. É, portanto, politicamente também que a decisão deve ser interpretada.

I:.....

MLP: Em meu entender, penso que o que está em causa são diferenças políticas sobre o modo de ver a Europa, o lugar de Portugal na Europa e, conseqüentemente, o modo de ver o papel do deputado europeu. A minha experiência mostra-me que para se poder ser um deputado interveniente e eficaz no Parlamento Europeu é necessária uma grande abertura aos problemas nacionais, europeus e internacionais.

I: Relações com Jorge Sampaio.... não pode fazer mais, etc....



MLP: Dos contactos que tive com Jorge Sampaio pude constatar a sua grande persistência na tentativa de abrir o PS às correntes de pensamento e acção que hoje percorrem toda a Europa. Foi de resto essa persistência que me levou, em ultima instância, a aceitar figurar na proposta do Secretário-Geral e do Secretariado.

I: Opinião sobre João Cravinho.....

MLP: O período que se inicia com a proxima legislatura do Parlamento Europeu é de importância crucial para a Europa, para Portugal. Tenho todas as razões para crer que João Cravinho corresponde ao perfil de homem necessário para fazer face à tarefa difícil que o espera.

I: Adesão maciça ao PS.....

MLP: Todos os que apoiaram a minha candidatura às presidenciais de 86 eram e são homens e mulheres livres; cada um está seguindo o caminho que considera mais ajustado à sua capacidade de intervenção na sociedade e a defesa dos valores que, estou certa, continua a animá-lo. Tanto quanto sei há gente orientando-se de forma muito diversa. É essa diversidade que fez a riqueza da minha campanha presidencial e que me constitui em situação de dívida permanente para com todos e cada um.

I: Projectos para futuro? outro cargo com PS como independente?

MLP: Acha que a minha visão da política me leva a esgotar a minha capacidade de intervenção unicamente em cargos electivos? A vida tem múltiplas facetas e há um tempo para cada coisa.

I: Arrependeu-se de ter integrado a lista do PS?

MLP: De modo nenhum. Não julgo a historia passada com os olhos do presente. Ter feito parte da lista do PS permitiu-me contribuir para o que diariamente se constroi no Parlamento, e para tecer novos laços com pessoas de outros países com idêntica visão da Europa. Isso para mim teve muito significado.

I: A forma de estar na vida politica de MLP coaduna-se com os partidos?

MLP: Não me faça repetir que não há democracia sem partidos organizados! Mas, a meu ver, os partidos têm de renovar-se no entendimento que têm de si próprios. Se exprimem correntes organizadas de opinião publica, não podem ser clubes de interesses nem máquinas de propaganda eleitoral. Cabe-lhes um papel de conscientização política permanente. Estamos hoje a assistir, a uma escala inédita, ao processo de aprendizagem dos partidos políticos.....